

O ESTILO COLOQUIAL CULTO DE MACHADO DE ASSIS NO ROMANCE QUINCAS BORBA

Nilce Sant'Anna Martins*

RESUMO: O objetivo deste trabalho é destacar na linguagem de Machado de Assis, no romance *Quincas Borba*, os aspectos que lhe imprimem uma tonalidade coloquial em contraposição a outros que justificam seja ela considerada padrão da modalidade culta do português. Como o narrador se dirige diretamente ao leitor, através de vocativos, interpelações, exclamações ou imperativos, há uma simulação de conversa que serve de pano de fundo à intriga romanesca. Mas essa fala do narrador bem como os diálogos travados pelas personagens não chegam a fugir das normas da língua culta ministradas pela gramática portuguesa. Todo o texto examinado é um modelo de elaboração literária, não obstante o tom de simplicidade que o impregna.

Palavras-Chave: Narrador, discurso citado, coloquialismo.

Em certo passo do romance *A vida e as opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*, de Laurence Sterne, diz o bem-humorado e autoconfiante narador: "A arte de escrever, quando devidamente exercida (como podeis estar certos de que é o meu caso) é apenas um outro nome para a conversação"¹ A afirmação não o chega, contudo, a ser uma verdade completa e o próprio autor da introdução à edição inglesa da Penguin Classics, Christopher Ricks, comenta, em sua análise, que, "embora o estilo de Sterne seja soberbamente conversacional, o leitor está continuamente sendo incitado a pensar que escrever, no final das contas, não é o mesmo que conversação"² O caso é mais ou menos o mesmo em Machado de Assis que, como muitos já disseram, recebeu algumas influências sternianas. O

(*) Professora no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH, USP.

(1) *A vida e as opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy*, de Laurence Sterne. Tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. Vol. II, cap. XI, p. 136.

(2) *The life and opinions of Tristram Shandy Gentleman*. Laurence Sterne. Penguin Classics. Reprinted, 1987; p. 11-12: "Sterne exploits just this gulf, so that, although his style is superbly conversational, a reader is continually being teased into realizing that writing is not, after all, the same as conversation."

narrador manifesta, com certo chiste, o empenho de se aproximar do leitor, tornando-o ouvinte e espectador dos fatos narrados.

Essa relação autor/leitor é, como bem analisa Mattoso Câmara Jr., a base de todo o coloquialismo machadiano.³ Entretanto, os traços coloquiais se apresentam combinados com os traços cultos, o que é uma solução perfeitamente válida na língua literária da ficção. Mattoso Câmara explica o caso machadiano: "Já o objetivo de Machado de Assis é a aproximação da língua falada, o coloquialismo em suma, para que a narrativa escrita adquira a naturalidade e espontaneidade de um relato oral. A sua atuação purista é no sentido de um enobrecimento da língua da conversação, que ele sente no Brasil relaxada e amorfa"⁴

Nosso propósito neste artigo é examinar os traços coloquiais e cultos que se entrelaçam na linguagem do *Quincas Borba*.

O narrador deste romance não é personagem participante da intriga, mas focaliza acontecimentos e personagens como se estivesse por dentro deles. Frequentemente convida o leitor a chegar-se e também observar os atos, gestos, pensamentos dos figurantes e as circunstâncias do ambiente em que decorre a ação. Procura aguçar ou atenuar a curiosidade do leitor, torná-lo mesmo cúmplice de algum comentário mais malicioso ou de um julgamento pouco benévolo. Quer que o leitor se adapte ao seu próprio ritmo narrativo e justifica, às vezes, a estruturação dos capítulos. O tratamento dado ao seu interlocutor ora é o íntimo tu, ora *o senhor/a senhora*, um pouco mais cerimonioso, ora é o *vós*, meio solene e retórico, e certamente meio irônico. Todas as variações têm a sua sutileza expressiva.

Já nas primeiras páginas do livro, depois de ter apresentado Rubião, ricamente instalado em seu palacete do Botafogo, orgulhoso, mas um tanto aturdido na sua recente condição de capitalista, o narrador convida o leitor a um retrocesso no tempo, a fim de conhecer a personagem na sua humilde condição de enfermeiro do filósofo Quincas Borba, o qual o recompensaria regiamente legando-lhe avultada fortuna:

"Vem comigo, leitor; vamos vê-lo, meses antes, à cabeceira do Quincas Borba." (III, 14)⁵

(3) MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Ensaio machadianos*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, Brasília, INL, 1977. CF. especialmente "O discurso indireto livre em Machado de Assis.", "Machado de assis e as referências ao leitor"; "O coloquialismo de Machado de Assis."

(4) *Obra citada*, p. 94

(5) As citações do romance são da Edição crítica: 2. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Brasília, INL, 1977. O algarismo romano indica o capítulo e o arábico o parágrafo do enunciado transcrito. A inicial minúscula indica que a citação foi extraída do corpo da frase; se ela coincide com o final da frase, há sinal de pontuação. Caso contrário, a frase continua, não sendo citada na íntegra.

Mais adiante, de volta a Botafogo, quer o narrador que o leitor, contaminado pela sua competência psicológica, vá apreendendo o caráter dos comensais de Rubião:

Queres ver o avesso disso, leitor curioso? Vê este outro convidado para o almoço, Carlos Maria. Se aquele tem os modos "expansivos e francos", – no bom sentido laudatório, – claro é que ele os tem contrário. Assim, não te custará nada vê-lo entrar na sala, lento, frio e superior, ser apresentado ao Freitas, olhando para outra parte (...) Carlos Maria é que não tem consideração a nenhum deles. Examinai-o bem; é um galhardo rapaz de olhos grandes e plácidos, muito senhor de si, ainda mais senhor dos outros." (XXXI, 247-8)

A passagem do tratamento *tu* para *vós* (*examinai*) se harmoniza ironicamente à importância que Carlos Maria se atribui, julgando-se merecedor de uma platéia mais ampla.⁶

Não raro, o leitor e o narrador são incorporados numa primeira pessoa do plural:

"E aqui fazamos justiça à nossa dama (...) Não a fazamos mais santa do que é, nem menos." (XXXV, 299)

Por vezes, é prevista uma pergunta, uma intervenção do leitor, adotando Machado de Assis, com um pouco mais de audácia, a técnica sterniana.⁷

"Não, senhora minha, ainda não acabou este dia tão comprido, não sabemos o que se passou entre Sofia e o Palha, depois

(6) MATTOSO CÂMARA Jr. *Obra citada*, p. 79.

(7) Entre os capítulos do *Tristram Shandy* que ilustram seu modo de dirigir-se ao leitor, podem ser citados: Vol I, Cap. Seis, Vinte e quatro; vol. II, Cap. Dois. Compare-se a citação do § 998 do *Quincas Borba* com esta do *Tristram Shandy*: — Como pôde a senhora mostrar-se tão desatenta ao ler o último capítulo? Nele eu vos disse que minha mãe não era uma papista. — Papista? O senhor absolutamente não me disse isso. Senhora, peço-vos licença para repetir outra vez que vos disse tal coisa tão claramente quanto as palavras, por inferência direta, o poderiam dizer. — Então devo ter pegado no sono, senhor. — Meu orgulho, senhora, não vos permite semelhante refúgio. — Então declaro que nada sei do assunto. — Essa, senhora, é exatamente a falta de que vos acuso; e, à guisa de punição por ela, insisto em que volteis imediatamente atrás, isto é, tão logo chegueis ao próximo ponto final, leiais o capítulo todo novamente. (Vol I, Cap. Vinte, p. 94)

que todos se foram embora. Pode ser até que acheis aqui melhor sabor que no caso do enforcado.

Tende paciência; é vir agora outra vez a Santa Teresa. (L, 414-5)

CAPÍTULO CVI

... ou, mais propriamente, capítulo em que o leitor, desorientado, não pode combinar as tristezas de Sofia com a anedota do cocheiro. E pergunta confuso: – Então a entrevista da rua da Harmonia, Sofia, Carlos Maria, esse chocalho de rimas sonoras e delinqüentes, é tudo calúnia? Calúnia do leitor e do Rubião, não do pobre cocheiro, que não proferiu nomes, não chegou sequer a contar uma anedota verdadeira. É o que terias visto, se lesse com pausa. Sim desgraçado, adverte bem que era inverossímil"(CVI, 998)

Na apóstrofe que citamos a seguir, Machado, com mais ênfase humorística, não se limita ao leitor contemporâneo:

"– Crê-lo-eis, pósteros? Sofia não pôde soltar o nome de Rubião." (LXXVII,747)

E no mesmo parágrafo volta ao leitor genérico:

"Seria singular que esta mulher, que não tinha amor àquele homem, não quisesse dá-lo de noivo à prima, mas a natureza é capaz de tudo, amigo e senhor."

O processo de invocar o leitor, mais do que um autêntico coloquialismo, consiste num recurso de entrecortar a narrativa com um toque humorístico e dar um realce gracioso a um comentário que, sem ele, poderia parecer seu tanto austero ou dogmático. É, na verdade, mais um artifício do que uma expressão de espontaneidade coloquial.

Passemos agora aos procedimentos coloquiais que se inserem na narração como totalidade artística.

O texto machadiano é riquíssimo em diálogos apresentados em discurso direto bem como em monólogos que, por vezes, se desdobram em diálogos da personagem consigo mesma, em discurso direto ou indireto livre. Dos CCI capítulos não se contam quatro dezenas em que não haja uma parte dialogada. E nes-

ses mesmos, são expostas pelo narrador, reflexões mais ou menos vagas, pensamentos menos confessáveis das personagens. É sobretudo nesses capítulos que se incluem citações literárias, filosóficas, e, uma ou outra vez, o perfil de uma personagem. Exemplo deste caso é o capítulo LVII, admirável caracterização da personagem Camacho.

Nas falas das personagens, de nível social e lingüístico não muito variável, já que predominam os burgueses de instrução média, com pretensões à cultura de consumo social, encontram-se expressões coloquiais, poucas mais vulgares, a maioria de uso generalizado, muitas ainda hoje vigentes.

No léxico do *Quincas Borba*, ajustam-se ao tom coloquial palavras populares ou expressivas como: *amolação* (1517), *bicho-do-mato* (1102), *bufar* (1171), *caipora* (134), *calote* (1169), *calundu* (653), *caraminhola* (1255), *casório* (271), *chocho* (1338), *chulo* (1116), *desancar* (556), *gira* (=louco, 1731-3), *lérias* (796), *mexeriqueiro* (351), *morrinha* (178) *pachorrento* (1089), *pagode* (folia, pândega, 1320), *patife* (436), *pé-rapado* (1266), *rabugem* (614).

De pobres velhas desfeitas por doenças, sofrimento, miséria, diz-se: *um caco de velha* (809), *o frangalho da velha* (613), "*um triste molambo de mulher* (1116), metáforas dolorosamente pejorativas.

Chamam a atenção, pela sua expressividade e freqüência, as frases em que entra a palavra *diabo*:

Há um moleque que o lava todos os dias em água fria, usança do diabo a que ele [o cão Quincas Borba] se não acostuma. (XXVIII, 226)

"A corte é o diabo; apanha-se uma paixão como se apanha uma constipação" (XLII, 358).⁸

Falando de um adversário que entrara na assembleia provincial, o jornalista Camacho o desqualifica rotundamente:

"É uma besta, é tão bacharel como eu sou papa." (CX, 1046)

Entre as expressões de intensificação, tão comuns na linguagem da conversação, temos:

(8) Outros exemplos: "Que diacho de idéia aquela de imprimir um fato particular, contado em confiança?" (631). "mandou o cobrador ao diabo". (1308). "Um aborrecimento de todos os diabos" (1517).

"[Quincas Borba] pediu que cuidasse dele [do cão] e chorou, olhe que chorou, que foi um nunca acabar." (IX, 100)

"[D. Tonica era] "uma solteira, ou mais que solteira". (XXXIV, 289)

As frases feitas, os provérbios, ocorrem com relativa freqüência, possivelmente para acentuar o gosto dos medíocres pelo lugar-comum, fato exaustivamente estudado por Maria Nazaré Soares de Assis.⁹

O agente do correio portador da carta que levava a Rubião a notícia da morte de Quincas Borba, pergunta-lhe irreverentemente:

"– Então afinal o homem espichou a canela?" (XIII, 126)

Nas reflexões e falas de Rubião, acumulam-se várias expressões proverbiais, como se pode ver no capítulo XV:

"Rubião não esquecia que muitas vezes tentara enriquecer com empresas que morreram em flor. Supôs-se naquele tempo um desgraçado, um caipora, quando a verdade era que "mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga". Tanto não era impossível enriquecer que estava rico.

– Impossível, o quê? exclamou em voz alta. Impossível é a Deus pecar. Deus não falta a quem promete.

Ja assim, descendo e subindo as ruas da cidade, sem guiar para casa, sem plano, com o sangue aos pulos. De repente, surgiu-lhe este grave problema: – se iria viver no Rio de Janeiro, ou se ficaria em Barbacena. Sentia cócegas de ficar, de brilhar onde escurecia, de quebrar a castanha na boca aos que antes faziam pouco caso dele, e principalmente aos que se riam da amizade com Quincas Borba. (XV, 134-5-6-)¹⁰

Depois de Sofia ter narrado ao marido a declaração de amor que lhe fizera Rubião e de terem conversado um pouco sobre o caso, Palha, não querendo pri-

(9) SOARES, Maria Nazaré Lins. *Machado de Assis e a análise da expressão*. Rio de Janeiro, INL, 1968

(10) *Quebrar a castanha na boca de alguém* = 'fazer coisa que moleste a esta pessoa. Não querer dar seu quinhão ao vigário. 'não desistir de aventuras amorosas'(Cf. NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2ª. ed. RJ/SP Freitas Bastos, 1966.)

var-se das vantagens que vinha auferindo de suas relações com o ricaço, acha esta saída safada:

"-Talvez nos estejamos a incomodar com um simples efeito de vinhos. Olha que ele não mandou seu quinhão ao vigário, cabeça fraca, um pouco de abalo, e entornou o que tinha dentro..." (CL, 458)¹¹

Ilustrando o valor expressivo do plural de substantivos abstratos, temos uma passagem preciosa. Diz Rubião ao amigo enfermo:

"-Sei, sei que você tem umas filosofias... (...)
-(...) Umas filosofias! Com que desdém me dizes isso! Repete, anda, quero ouvir outra vez. Umas filosofias! (V, 35, 38)

No seu gosto de tecer comentários não só metalingüísticos mas filosóficos a certas expressões, Machado faz esta observação irônica:

"A expressão: "Conversar com os seus botões", parecendo simples metáfora, é frase de sentido real e direto. Os botões operam sincronicamente conosco; formam uma espécie de senado cômodo e barato, que vota sempre as nossas moções." (CXLII, 1344)

Um processo de renovar as frases feitas é trocar-lhes uma ou outra palavra, processo a que Guimarães Rosa haveria de recorrer com muita freqüência e senso de humor. No *Quincas Borba* temos este bonito exemplo:

"Assim, quando Sofia chegou à janela que dava para o jardim, ambas as rosas riram-se a pétalas despregadas." (CXLI, 1341)

O emprego afetivo de formas neutras (*isso, aquilo*) referentes a pessoas aparece numa tirada enfática em que o simplório Rubião enaltece o seu benfeitor,

(11) CUNHA, Celso e CINTRA, L.F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

chegando a contar a um casual companheiro de viagem toda a história da sua herança:

"Creia que há amigos neste mundo; como aquele poucos. Aquilo era ouro. E que cabeça! que inteligência! que instrução! Viveu doente os últimos tempos, donde lhe veio alguma imperitância, alguns caprichos (...) Aquilo quando estimava, estimava de uma vez. (XXI, 200)

A expressão pronominal *a gente*, com valor de primeira pessoa singular/plural, ocorre poucas vezes, certamente por não ser bem vista pelos puristas. Um exemplo:

"Não, queridinha, isto de adorar a um homem que não faz caso da gente, é poesia." (CXVIII, 1158)

"–Seu barbeiro, você é pernóstico, interrompeu Rubião" (CXVI, 1381)

Deveras importante para a oralidade da narrativa é o predomínio das frases breves, sem inversões e rebuscamentos. Nos diálogos são, obviamente, numerosas as frases exclamativas, interrogativas, volitivas, completas e incompletas. As interjeições não são muito numerosas. Anotamos: *Ah! Oh! Upa! Ai! Eia!* Entre as expressões exclamativas destacam-se aquelas em que entra a palavra *Deus*, de valor semântico bem reduzido, como é também o caso de *diabo* nas expressões já referidas.

"– Cale-se pelo amor de Deus!" (CIV, 968)

"– Qual Deus! Ouça-me o resto." (CIII, 969)

As frases incompletas – monorremas e dirremas – podem ser assertivas ["Pieguices de lascivo." (CXLIV, 1361); "Tudo ideas consoladoras" (CXVII, 1119)], mas são predominantemente exclamativas:

"– Oh! sem dúvida um grande talento!" (LXIV, 605)

"– O Padre Mendes! Muito engraçado o padre Mendes!" (XLII)

Encontram-se também nos diálogos vários exemplos de construções expletivas (sem falar nas freqüentes clivagens de *é que*), anacolutos, prolepses, mas tudo moderadamente, sem abuso.

Expletivos: "– Que figura que o senhor vem fazendo, meu compadre? Meio tonto, jogando com os braços" (XVI, 141)
"– Que desconfiada que você é, Sofia!" (CXLIV, 1381)

Anacoluto: "Sabe que um a pessoa que viveu toda a sua vida em um lugar, custa-lhe muito acostumar-se em outro. (XLII 353)

Prolepse: "O próprio ministro dizem que não gostou do ato." (CI 947)
"A senhora aposto que nem sonhava comigo?" (LXIX 682)

Como um remate a esta parte em que temos buscado os traços orais de maior expressividade na linguagem do *Quincas Borba*, nada mais oportuno que transcrever, parcialmente, o discurso de um cocheiro, primor de estilização da linguagem vulgar, além da análise psicológica:

"– Não digo mais nada, acudiu o cocheiro. Era da rua dos Inválidos, bonito, um moço de bigodes e olhos grandes, muito grandes. Oh! eu também se fosse mulher, era capaz de apaixonar-me por ele... Ela não sei donde era, nem diria ainda que soubesse; sei só que era um peixeão.

E vendo que o freguês o escutava com os olhos arregalados:
– Oh! Vossa Senhoria não imagina! Era de boa altura, bonito corpo, a cara mais coberta por um véu, cousa papafina. A gente, por ser pobre, não deixa de apreciar o que é bom. (LXXXIX, 847-849)

– Também não há muita cousa mais. O moço entrou; eu fiquei esperando; meia hora depois vi um vulto de mulher, ao longe, e desconfiei logo que ia para lá. Meu dito, meu feito; ela veio, veio, devagar, olhando disfarçadamente para todos os lados; ao passar pela casa, não lhe digo nada, nem precisou bater; foi como nas mágicas, a rótula abriu-se por si, e ela enfiou por ali dentro. Se eu já conheço isto. Em que é que Vossa senhoria quer que a gente ganhe algum cobrinho mais? O preço da tabe-la mal dá para comer; é preciso fazer estes ganchos." (855)

Mesclados aos aspectos coloquiais acham-se os traços da linguagem culta, pelos quais Machado de Assis é apontado como mestre da língua portuguesa, merecendo em nossas gramáticas um destaque privilegiado. Basta mencionar que na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, aparecem 134 abonações extraídas de textos seus, seguindo-o Carlos Drummond de Andrade (73 abonações), A. Abelaira (56), José Lins do Rego (54) e numerosos outros, brasileiros e portugueses, com menor presença.

Na verdade, certas construções, freqüentes em Machado de Assis, eram mais próprias da fala de Portugal que do Brasil, sendo recomendadas pelos gramáticos puristas. Atualmente, vão elas caindo em desuso, soando como afetadas.

Examinemos alguns casos:

1. As combinações de dois oblíquos átonos, um objeto direto e outro indireto, ou um pronome *se* (reflexivo, apassivador, ou indeterminante do sujeito) seguido de *lhe*:

"Quincas Borba procurou com os pés as chinelas, Rubião chegou-lhas; ele calçou-as e pôs-se a andar para esticar as pernas." (V, 40)

"Tinha aberto a carteira, tirou seis notas de vinte mil réis, fez um bolo de todas elas e deixou-lho na mão." (LXXXV, 811)

"Sentada, via-se-lhe metade do pé, sapato raso, meia de seda" (CIII, 957)

"Ela, dizendo-se-lhe isto, ficou como uma pitanga." (CXX, 1211)

Ora, um narrador que conversa com seu leitor/ouvinte, não precisaria de tanto esmero no uso pronominal.

2. A topologia pronominal é, se não rigorosamente, bastante conforme à gramática lusa; contudo, gramáticas mais modernas continuam a ministrar mais ou menos as mesmas regras, ressaltando, em todo caso, que a colocação dos pronomes é um fato estilístico que depende de fatores como o ritmo ou a ênfase que o escritor deseja imprimir.

• A colocação machadiana que mais chama a atenção dos leitores brasileiros da atualidade é a chamada *apossínclise*; em Machado, ela se dá apenas com a intercalação de *não* entre o pronome e o verbo, não se encontrando exemplos de outras palavras, como ocorre em autores portugueses e em alguns passos de Guimarães Rosa de teor arcaizante.

"– Não tenho de que me arrepender, disse ele, e prefiro que me não perdoe." (CIV, 974)

"Era impossível que lhe não deixasse uma lembrança. (IX, 103)

- Certas ênclises com formas verbais monossilábicas terminadas em consoante sibilante ([s], [z]) assimilada, também são cultismos pouco naturais:

"Ao fechar a porta, é que um pulo de Quincas Borba, que o viera acompanhado, fê-lo dar por si." (LXXX, 762)

"Ele diz alguma coisa, e di-la desde muito, sem desaprendê-la, nem trocá-la" (CXLI, 1343)

"Tirou o colar e pô-lo ao pescoço." (CXV, 1081)

- A mesóclise é relativamente freqüente, quer em início, quer em meio de período.

"Logo que tornar a Barbacena, dar-te-ei em termos explicados, simples, adequados ao entendimento de um asno, a verdadeira noção do grande homem." (X, 109)

"Deputado, senador, ministro, vê-lo-iam tudo com olhos tortos e espantados." (CX, 1047)

"Far-te-ei duquesa. Ouviste?" (CLIII, 1467)

- Não obstante ironizar a ênfase, Machado não dispensa os pleonasmos gramaticais:

"Às vezes, via-o inclinar-se, articulando as mesmas palavras de certa noite de baile, que lhe custaram a ela noites de insônia" (CV, 987)

"Se há de amar a alguém, fora do matrimônio, ama-o a ele, que te ama e é discreto." (CXLI, 1343)

- O objeto direto preposicionado, particularidade do uso culto da língua, é abonado em alguns passos, tendo um deles já aparecido na última frase citada ("amar a alguém")

"pescoços estendidos pela janela fora das diligências, para vê-lo e ao seu garbo de noivo." (CXXII, 1218)

"mas D. Fernanda já ali tinha uma caleça que os levou e mais a ela e ao Palha." (CLXIX, 1547)

3. No âmbito da regência verbal há certas peculiaridades que, embora arroladas na gramática tradicional, já hoje ressumam artificialismo.

• *Aborrecer* = 'sentir horror', 'abominar', 'detestar'; construído com objeto direto:

[D. Tónica] "Via nela [Sofia] agora um monstro, metade gente, metade cobra, e sentiu que a aborrecia, que era capaz de vingar-se exemplarmente (XLIII, 369)

"Carlos Maria aborrecia o papagaio, como aborrecia o macaco, duas contrafacções da pessoa humana, dizia ele." (CXXII, 122)

• *Chamar* com objeto indireto mais predicativo:

"Chamou aos olhos de Sofia as estrelas da terra, e às estrelas os olhos do céu. (XXXIX, 315)

"– chamava-lhe bobo –" (CV, 988)

Esquecer, *lembrar*, *custar* são empregados na construção que Cândido Jucá (filho) denomina afetiva (em oposição à 'dramática')¹², isto é, com o fato lembrado como sujeito e a pessoa como objeto indireto. (De *lembrar* e *esquecer* ocorre também a construção comum com sujeito = pessoa)

"Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher." (XXI, 186)

"Aqui lembraram-lhe os próprios gestos dela, as palavrinhas doces, as atenções particulares." (XXXIX, 319)

"Durante alguns meses, Rubião deixou de ir ao Flamengo. Não foi resolução fácil de cumprir. Custou-lhe muita hesitação, muito arrependimento." (CVIII, 1003)

• *Estar que* = 'achar', 'pensar':

"Estou que a própria dama não poderia responder exatamente (LXIX, 686)

(12) JUCÁ (filho), Cândido. *O pensamento e a expressão em Machado de Assis*. Rio de Janeiro MCMXXXIX. S/Ed. p. 18.

• *Haver* ocorre em variadas construções cultas; como auxiliar é usada nos diferentes tempos, não apenas no mais que perfeito do indicativo, que é o mais usual; no sentido de 'existir', que é normal, o toque de elegância pode ser dado por uma alteração na ordem ou elipse de algum termo.

"Talvez Sofia não se houvesse esquecido (LXXXIV, 807)

"– Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah nesse dia terás o maior prazer da vida (VI, 57)

"Aparentemente há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? (VI, 67)

"Também aqui não há que aterre." (CLXI, 1502)

"Não havia fugir, ainda casando?" (LXXXII, 778)

"Ocasião houve em que os olhos se lhe tornaram úmidos" (CXV, 249)

A construção com objeto pronominal átono, e o emprego pessoal, pronominal, equivalente a 'comportar-se' são também marcas do nível culto:

"compôs de cabeça as pompas matrimoniais, os coches – se ainda houvesse antigos e ricos" (LXXXI, 767)

"por ocasião do casamento, [Sofia] houve-se com grande discrição." (CXXV, 1229)

• *Preferir* é normalmente empregado com O.D. + *a* + O.I, não havendo nenhum exemplo de *preferir mais X que Y*.

"Estava com sono, preferia a cama à orquestra." (LXX, 704)

"Preferiam o seu casebre real ao alcáçar fantasmagórico." (CLXXXIX, 1760)

• *Trazer* em alguns empregos que nos parecem afetados:

"Nem chegou a pensar em alguns amores que ele porventura trouxesse e lhe tornassem insípidos quaisquer outros." (CVII, 1002)

"repetia os nomes bonitos, trazia a muitos de cor" (LXXXII, 771)

• A construção, mais encontrada em autores portugueses, de perífrase com o verbo *ir* mais infinitivo e complemento circunstancial com *a*, aparece em alguns exemplos:

"Rubião chamou um tálburi e foi visitá-lo à Praia Formosa, onde morava." (LXXXV, 809)

"E porque os não há de ir buscar lá à nossa casa ao Flamengo?" (CVIII, 1025)

"o nosso amigo preferiu perguntar se (...) iriam sempre passear à Tijuca." (CXXXIX, 1321)

4. A preferência pela preposição *a* em casos de emprego mais comum de outras preposições (*em*, *para*, *de*) é evidente, como se comprova em:

"o doente parecia estar melhorando, não ia à cama, saía à rua, escrevia." (VIII, 83)

"Trouxera ao colo um pombinho, manso e quieto, e sai-lhe um gavião – um gavião adunco e faminto." (XXXIX, 318)

"Tudo isto passou pela cabeça ao rapaz, em poucos segundos." (LXXV, 731)

"Rubião resvalava ao abismo e convencia-os (CLV, 1474)

"Não achou solução ao enigma" (LXXXV, 808)

"Rubião tinha nos pés um par de chinelas de damasco bordadas a outro" (CXLV, 1366)

5. Dada a alta incidência de relato de atos enunciativos, os verbos metalinguísticos se empregam com notável freqüência. Foram levantados mais de oitenta verbos, alguns de elevada ocorrência, mais de vinte (*dizer*, *perguntar*, *responder*, *repetir*, *acudir*), outros por volta de uma dezena de vezes (*bradar*, *concluir*, *confessar*, *continuar*, *exclamar*, *interromper*, *murmurar*, *pedir*), outros com seis, cinco, ou menos ocorrências.

Machado distingue bem os empregos de *dizer* e *falar*, bastante confundidos na linguagem comum. Enquanto *dizer* – cujas ocorrências são dificilmente contáveis, tão numerosas são – é sempre transitivo, tendo objetos de natureza vária (substantivo, pronome, oração integrante com *que* ou *se*, oração infinitiva, oração ou enunciado equivalente a um nome autonímico), *falar*, de uso bem mais reduzido (por volta de trinta ocorrências) só é usado como verbo intransitivo, acompanhado ou não de adjunto adverbial; com objeto indireto correspondente ao interlocutor, ou com complemento de assunto.

"Rubião falava, risonho, e ouvia." (XXI, 190)
"Rubião falava com o Palha." (XXXV, 294)
"E todos falavam para todos" (LXX, 698)
[Sofia] "falando a duas senhoras sentadas" (XXXVIII, 311)
"Falaram-se acanhadamente, dous minutos apenas." (LXIII, 596)

Também encontramos *falar* seguido de nome de língua:

"podia ficar, tocar, cantar, falar cabinda ou a língua do diabo que os levasse a todos." (LXVIII, 642)

6. Alguns empregos de formas verbais merecem menção:

- O emprego do perfeito composto do indicativo pelo mais que perfeito composto do subjuntivo em:

"Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma herança colateral." (I, 6)

- O erudito uso do mais que perfeito do indicativo – já arcaizante – pelo futuro do pretérito:

"Disséreis que o Diabo andara a enganar a moça com as duas grandes asas de arcanjo que Deus lhe pôs." (XV, 323)

- A forma arcaica *vás* (por *vais*) deixa certa dúvida: seria uma representação de pronúncia popular, ou teria chegado ao escritor por via literária, através dos clássicos lidos?

"Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo porque resume o universo, e o universo é o homem. Vás entendendo?" (VI, 61)

Também a forma de imperativo negativo do mesmo verbo soa artificial, arcaizante.

"Não vades crer que a dor aqui foi mais verdadeira que a cólera." (XLIV, 375)

7. Índice da linguagem elegante, clássica, era a omissão do artigo com certos nomes de países, comumente determinados no uso moderno. É o caso de:

"encaminhavam a conversação para os negócios de França e do imperador."

"Aquelas cenas da corte de França, inventadas pelo maravilhoso Dumas" (LXXX, 766)

8. Impõe-se à atenção do leitor a predileção de Machado de Assis pela conjunção concessiva *posto/posto que*, muito menos usada na linguagem corrente que *embora, ainda que*.

"Grande foi a sensação de ventura, posto que ele repelisse logo a idéia, como um ruim agouro." (LXXXII)

"A história do casamento de "Maria Benedita é curta, e, posto Sofia a ache vulgar, vale a pena dizê-la." (CXVII, 1116)

9. Chega a ser quase um cacoete o uso excessivo da locução prepositiva *ao pé de* ('perto de, junto de'); bem curiosa é a combinação *pé/olhar* neste passo em que o narrador fala dos bustos dos dois Napoleões:

"Dous bustos magníficos. Ao pé do olhar aquilino do tio, perdia-se no vago olhar cismático do sobrinho." (CXXXIV, 1307)

10. Nos comparativos de superioridade ou inferioridade Machado prefere *que a do que*, certamente seguindo observações dos puristas:

"As estrelas são ainda menos lindas que os seus olhos." (XXXIX, 317)

O LÉXICO de uso exclusivamente culto é relativamente restrito nas obras de Machado de Assis. No *Quincas Borba*, são poucas as palavras "difíceis", que pedem consulta ao dicionário no caso do leitor que tenha razoável conhecimento do idioma. Podem ser citadas: *acerbo* (1616), *alcáçar* (1760), *conspícuo* (1776), *donaire* (603), *ignaro* (106), *gaio* (752), *garrido* (1033), *incúria* (1476), *lascivo* (1000) *metafísico* (764), *minudência* (471), *nimbo* (1235), *unicórnio* (1287), *veleidade* (1544), *venera* (897) e poucos mais. Alguns termos como *díscolos*, *sicofantas*, *lábaro*, são usados em discurso paródico para ridicularizar o estilo rebarbativo de jornalistas pedantes, apreciadores dos chavões e das citações lati-

nas. Vale a pena transcrever um trecho do artigo do Camacho, que é o modelo da pretensão erudita e bombástica, estando no pólo oposto ao da fala do cocheiro anteriormente citada:

"Os partidos devem ser unidos e disciplinados. Há quem pretenda (*mirabile dictu!*) que essa disciplina e união não podem ir ao ponto de rejeitar os benefícios que caem das mãos dos adversários. *Risum teneatis!* (...) Cada partido tem os seus díscolos e sicofantas. É interesse dos nossos adversários ver-nos afrouxar, a troco da animação dada à parte corrupta do partido. Esta é a verdade; negá-lo é provocar-nos à guerra intestina, isto é, à dilaceração da alma nacional... Mas as ideias não morrem; elas são o lábaro da justiça. (...) (CX, 1050)

Também no discurso do narrador, algumas palavras nos dão (é verdade que um século depois...) a impressão de que já quando foram usadas seriam amaneiradas. É o caso de *habitua*dos, (862, 923), adaptação do francês *habitués*, no sentido de 'freqüentadores de uma casa'; *braceiro* (694) 'cavalheiro que dá o braço à dama'; *guasca* (1124) regionalismo sinônimo de *gaúcha*; *xira* (298), vocábulo registrado por Cândido de Figueiredo na acepção de 'alimentação', 'pasto' como antiquado. ("Era dado à boa xira, reuniões freqüentes..."); *alfaiar* (216, 'mobilier', 'enfeitar' a casa); sensações '*desconfortativas*' (723), *petimetre* (290, galicismo, 'pessoa que se veste bem', 'janota'), *japões* (1218, metonímia por 'japoneses')¹³ *index* (232 'dedo indicador')

Muitos vocábulos de uso corrente no tempo do escritor hoje são inteiramente arcaicos pela mudança dos costumes e das coisas. Lembrem-se os nomes de carros usados na época: *cadeirinha*, *caleça*, *coupé*, *diligência*, *sege*, *tílburi*, *traquitana*, *vitória*. Haveria mesmo necessidade de distinguir todos esses tipos ou seria apenas um requinte vocabular do estilista?

Outra faceta erudita do texto machadiano são as numerosas alusões ou citações de filósofos, poetas, personagens literárias, bíblicas, mitológicas, freqüentemente envoltas em uma aura irônica, à semelhança de Sterne. Elas indicam os autores mais compusados por Machado ou mais lidos na época. Assim é que en-

(13) O mesmo emprego de *Japões* se dá na *Nova Floresta*, do Pe. Manuel Bernardes, neste passo a respeito de uma rainha convertida ao cristianismo, cujo marido fora decapitado: "e tomou juramento por escrito aos vassallos de não usarem com ele o rito gentílico que observavam de se matarem os mais obrigados ao rei, porque têm os japões isto por lei de nobreza e obrigação de agradecimento". Clássicos Jackson, vol XXIX, Rio de Janeiro. Jackson [1950], p. 54

contramos esparsos no romance, entre outros, os seguintes nomes próprios: *Kant, Voltaire/ Pangloss, Byron, Camões, Álvares Azevedo/ Penseroso, Dumas, Gonçalves Dias, Garrett, Feuillet, Fielding, Rabelais, Tristram Shandy, Shakespeare/ Otelo/ Desdêmona/ Hamlet/ Polônio; David, Jacob; Anteu, Aquiles, Diana, Endimião, Tétis; Ariel.*

No capítulo XL, bem típico da mistura machadiana de retórica e humor, a digressão narrativa ironiza o episódio amoroso de Rubião e Sofia, exibindo sua técnica de alusão e citação.

"Em cima, as estrelas pareciam rir daquela situação inextricável. (320)

Vá que a lua os visse! A lua não sabe escarnecer; e os poetas que a acham saudosa, terão percebido que ela amou outrora algum astro vagabundo, que a deixou ao cabo de muitos séculos. Pode ser até que ainda se amem. Os seus eclipses (perdoe-me a astronomia) talvez não sejam mais que entrevistas amorosas. O mito de diana descendo a encontrar-se com Endimião bem pode ser verdadeiro. (...) (321)

Depois, a Lua é solitária. A solidão faz a pessoa séria. as estrelas, em chusmas, são como as moças entre quinze e vinte anos, alegres, palreiras, rindo e falando a um tempo de tudo e de todos. (322)

Não nego que são castas; mas tanto peor – terão rido do que não entendem... Castas estrelas! é assim que lhes chama Otelo, o terrível, e Tristram Shandy, o jovial. Esses extremos do coração e do espírito estão de acordo num ponto: as estrelas são castas. E elas ouviram tudo (castas estrelas!), tudo o que a boca temerária de Rubião ia entornando na alma pasmada de Sofia." (323)

O fragmento – um tanto longo como transcrição – é, além de delicioso, uma rica exemplificação do uso das figuras de estilo por Machado; aí temos a prosopopéia, a metáfora, o símile, exclamações retóricas, repetições, a metonímia, a hipálage, tudo a mostrar que Machado era um bom dissimulador no seu desdém pela linguagem retórica.

Das duas metáforas, brilhantemente estudadas em alguns trabalhos¹⁴ podemos dizer que algumas pendem um pouco mais para o nível coloquial enquan-

(14) Por exemplo: Riedel, Dirce C. *Metáfora, o espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974. CASTRO, Walter de. *Metáforas machadianas: estruturas e funções*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, MEC/INL, 1977. HOLANDA, Aurélio B. de. *Linguagem e estilo de Machado de Assis*. *Revista do Brasil* (3ª série) Rio de Janeiro jul/ago. 1939.

to a maioria está mais do lado literário, erudito. Do primeiro caso podem ser citadas:

"Rubião meteu-se por um mato cerrado, onde lhe cantavam todos os passarinhos da fortuna" (XXI, 202)

A metáfora lembra a expressão popular "ver passarinho verde".

"A alma de Rubião bracejava debaixo deste aguaceiro de palavras (...); e o major chovia a cântaros (XXXIV), 291)

Aqui também a metáfora, bem concretizante, se baseia numa frase feita. Mais literária é a metáfora seguinte requintadamente seguida do refrão de Edgar Allan Poe:

"Dona Tonica sentiu o grasnar do velho corvo da desesperança. *Quoth the Raven: Never More.*" (XXXVII. 308)

O passamento de Rubião é descrito em duas austeras linhas que se fecham com uma metáfora duplamente expressiva, já que para todos a morte é uma abdicação da vida, e para Rubião era a abdicação do império do seu delírio:

"A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível e estava assinada a abdicação" (CC, 1832)

Como já foi mencionado, Machado se comprazia em comentar as suas próprias tiradas retóricas. O capítulo CXL nos dá um belo exemplo:

"Pois que se trata de cavalos, não fica mal dizer que a imaginação de Sofia era agora um corcel brioso e petulante, capaz de galgar morros e desbaratar matos. Outra seria a comparação, se a ocasião fosse diferente; mas corcel é o que vai melhor. Traz a idéa do ímpeto, do sangue, da disparada, ao mesmo tempo que a da serenidade com que torna ao caminho reto, e por fim à cavaliça. (1330)

O percurso, ainda que um tanto ligeiro, pela linguagem dessa extraordinária obra-prima do humor pungente que é o *Quincas Borba*, permite-nos concluir que Machado de Assis, quer usando elementos da linguagem coloquial, quer da linguagem culta, elaborou um tecido literário deveras requintado. A impressão de sobriedade, simplicidade, espontaneidade, vivacidade de diálogos não nos impede

de perceber que tais qualidades resultam de um meticuloso e habilíssimo trabalho de expressão. Todos os recursos utilizados, da palavra mais singela à metáfora mais sutil, tudo tem sua importância estilística e, além do que fica explicitamente manifesto, há o que a concisão da linguagem deixa sugerido. Cabe ao leitor, cuja atenção é expressamente reclamada pelo narrador, descobrir os matizes e finezas que o texto apresenta mais ou menos velados. Uns descobrirão mais, outros menos, mas certamente todos receberão o impacto de uma verdadeira obra de arte.

ABSTRACT: This paper intends to detect in the style of Machado de Assis the colloquial marks inserted in the learned standard Portuguese. The narrator speaks directly to the reader, through vocatives, questions, imperative and exclamative sentences, so that the narrator's talk as well as the dialogues between the characters are an excellent model of literary elaboration, in spite of the tone of simplicity and spontaneity which permeates them.

Keywords: Narrator, quoted speech, colloquialism.